

CAUSATIVAS SINTÉTICAS NO DIALETO MINEIRO: NOVAS EVIDÊNCIAS A FAVOR DA ESTRUTURA BIPARTIDA DO VP?

Yara Rosa Bruno da SILVA

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - MG)

RESUMO

Este artigo pretende discutir a formação das orações causativas no português do Brasil, especialmente as orações causativas sintéticas. Esperamos mostrar que elas equivalem, no fim das contas, a predicados complexos, isto é, são evidências a favor da formação v-VP. Também assumimos neste trabalho que a estrutura causativa sintética é formada por uma operação sintática denominada conflation, na qual a matriz fonológica de um núcleo X^0 é transferida para o núcleo v^0 (verbo leve). Neste sentido, os verbos inergativos constituem uma classe especial, visto que, contrariando a proposta de Hale e Keyser, podem sim ser causativizados e figurar em orações causativas sintéticas.

ABSTRACT

This paper intends to discuss the formation of the causative sentences in Portuguese, specially the synthetic causative sentences. We expect to show that they are complex predicates, that is, they are evidence of v-VP formation. We also assume that a morphological causative structure is formed by an operation called conflation where the phonological matrix of a head X^0 is transferred to the light verb. In this sense, unergative verbs constitute one special verb class, since they can appear in causative sentences; although Hale e Keyser affirm it is not possible.

PALAVRAS-CHAVE

Causativas. Inergativos. Predicados complexos.

KEY-WORDS


Causative sentences. Complex predicates. Unergatives.

Introdução

Este artigo tem por objetivo central discutir a formação das orações causativas sintéticas no português do Brasil (doravante PB), em especial no dialeto mineiro, a fim de trazer evidências a favor da estrutura bipartida do VP. Será feita uma análise das causativas sintéticas oriundas de verbos inergativos a fim de motivar a estrutura bipartida do VP. Vale dizer que, neste trabalho, o objeto é estudado à luz de pressupostos teóricos da Gramática Gerativa, destacando-se a proposta teórica apresentada por Hale e Keyser (1993, 2002) e a interface sintaxe-semântica abordada por Márcia Cançado (2003). Antes, porém, julgo necessário explicitar o que vem a ser uma oração causativa sintética. Para tanto, necessito, primeiramente, comentar a formação das causativas analíticas.

Trabalhos recentes [cf. Bittencourt (1995; 2001), Guasti (1997)¹, dentre outros], no âmbito da linguística descritiva e teórica, vêm mostrando que as causativas analíticas diferem das causativas sintéticas pelo fato de que aquelas exibem, no componente sintático, um verbo de natureza causativa, o qual coocorre com um verbo lexical, conforme os exemplos a seguir.

Verbo causativo

- | | | | |
|-----|---------------|---|--|
| (1) | A professora |  fez | o menino copiar o exercício. (analítica) |
| (2) | A chuva forte | fez | o barraco cair. (analítica) |
| (3) | O remédio | fez | a criança dormir. (analítica) |

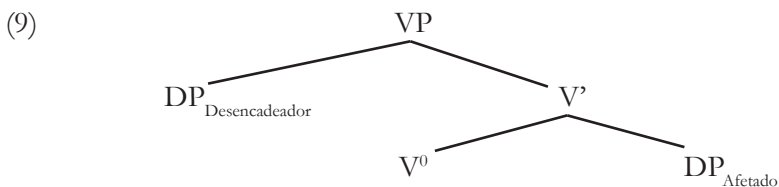
¹ Conforme Guasti (1997:124), “we call causatives of types found in English analytical causatives, since the causative verb and the verb in the complement are two independent words. In some languages, we find morphological causatives. These are obtained by morphologically combining a verb root expressing some event with a bound morpheme - the causative affix”. Já conforme Bittencourt (2001:171), “(...) as causativas sintéticas envolvem um acontecimento e um “tema causado” paciente; as analíticas, dois acontecimentos e um “tema causado” agente, ou experienciador”.

Diferentemente das causativas analíticas, as causativas sintéticas não apresentam em sua estrutura interna o verbo causativo realizado na sintaxe visível. Uma possibilidade de análise seria assumirmos que esse verbo, embora muitas vezes não esteja realizado explicitamente na morfossintaxe, está lá em um nível de representação abstrata, atuando conjuntamente com o verbo lexical, denotando assim que o evento realiza-se em duas etapas, conforme sugerem os exemplos a seguir:

- (4) (a) Ela viajou o noivo pro Rio e caiu na gandaia
+ Desenc.
+ Controle
- Afet
(b) O noivo viajou para o Rio
+ Desenc.
+ Controle
+ Afet
- (5) (a) Espera um pouco que eu subo você aí
+ Desenc.
+ Controle
- Afet
(b) Você sobe aí
+ Desenc.
+ Controle
+ Afet
- (6) (a) Esse desgraçado desse presidente dançou muita gente
+ Desenc.
+ Controle
- Afet
(b) Muita gente dançou.
+ Desenc.
+ Controle
+ Afet

- (7) (a) O pai casou a filha com um negociante
 +Desenc. + Desenc.
 + Controle + Controle
 - Afet + Afet
- (b) A filha casou.
 +Desenc.
 + Controle
 + Afet
- (8) (a) A mãe mudou os meninos de escola
 +Desenc. + Desenc.
 + Controle + Controle
 - Afet + Afet
- (b) Os meninos mudaram de escola
 + Desenc.
 + Controle
 + Afet

Notem que os exemplos de (4a) a (8a) têm em comum o fato de originarem-se a partir de verbos inergativos e o fato de denotarem uma predicação complexa, constituída por mais de um evento. Adicionalmente, observa-se que tais construções licenciam mais de um DP com o mesmo papel temático, mais precisamente com o papel temático de desencadeador². Este fato coloca um sério problema para as teorias da predicação que preveem apenas um lugar para DP_{s+Desencadeador} em predicados transitivos. Em geral, este lugar equivale à posição de Spec-VP, conforme ilustra a configuração sintática (9), a seguir:

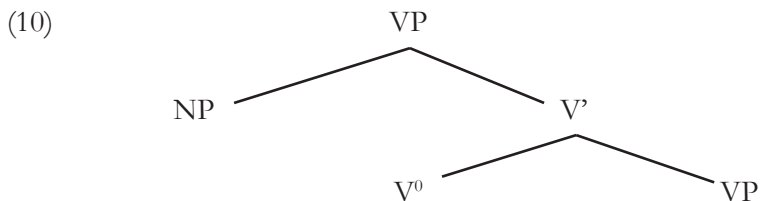


² Neste trabalho, acompanhando Cançado (2003), optei por usar a terminologia *Desencadeador* ao invés de *Agente* para me referir ao papel temático.

Vejam que a estrutura VP simples apresentada em (9) é insuficiente para alocar os dois DPs com as propriedades temáticas de desencadeador arrolados nos exemplos de (4a) a (8a). A razão é simples: a estrutura VP simples só prevê uma posição de desencadeador para os verbos transitivos de ação. Como alojar, então, estes dois DPs numa estrutura transitiva que prevê apenas uma posição para DPs contendo papel- θ de [+ desencadeador]? Mais ainda: como explicar a ocorrência de dois DPs com papéis temáticos semelhantes sem ferir o critério temático?

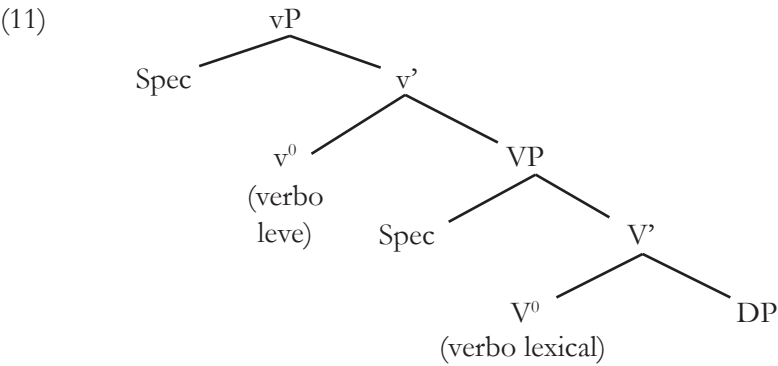
1. A proposta de Hale e Keyser

Hale e Keyser (1993, 2002) propõem que os verbos têm uma estrutura argumental complexa. Cada núcleo lexical projeta sua categoria para um nível sintagmático acima e determina nessa projeção um sistema não ambíguo de relações estruturais entre o núcleo, suas projeções categoriais e seus argumentos (especificador e complementos)³. Assim, categorias lexicais como V, P, N e A projetam níveis de projeções máximas XPs, como é a situação do núcleo V^0 em (10).



Segundo Hale e Keyser (1993), tal estrutura é complexa porque envolve dois VPs. O mais baixo tem como núcleo um verbo lexical V^0 ; já o VP superior tem como núcleo um verbo leve v^0 , de natureza causativa, como mostrado em (11).

³ Conforme Hale e Keyser (1993:53), “(...) each lexical head projects its category to a phrasal level and determines within that projection an unambiguous system of structural relations holding between the head, its categorial projections, and its arguments (specifier, if present, and complement)”.



O verbo leve pode vir realizado fonologicamente na estrutura sintática, como nas causativas analíticas, ou pode não vir realizado fonologicamente, como nas causativas sintéticas.

Hale e Keyser (1993) propõem ainda que um núcleo pode se incorporar a outro formando um composto que, por sua vez, pode se incorporar a outro núcleo, e assim sucessivamente. Numa operação sintática chamada *Conflation*⁴, a matriz fonológica do complemento é transferida para o núcleo de *v*, o verbo leve.

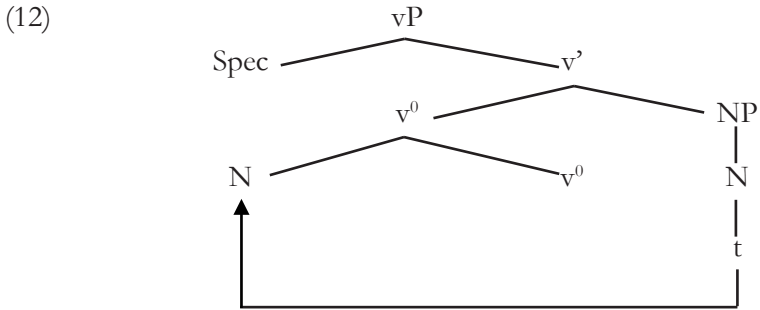
A estrutura argumental complexa pode ser gerada a partir de múltiplas operações *Conflation*⁵, a saber:

$v \rightarrow N$	aqui temos formação de verbos denominais;
$v \rightarrow V \rightarrow P \rightarrow N$	aqui temos a formação de verbos de lugar;
$v \rightarrow V \rightarrow A$	aqui temos a formação de verbos deadjetivais;
$v \rightarrow V$	aqui temos a formação de verbos causativos a partir de outro verbo não causativo.

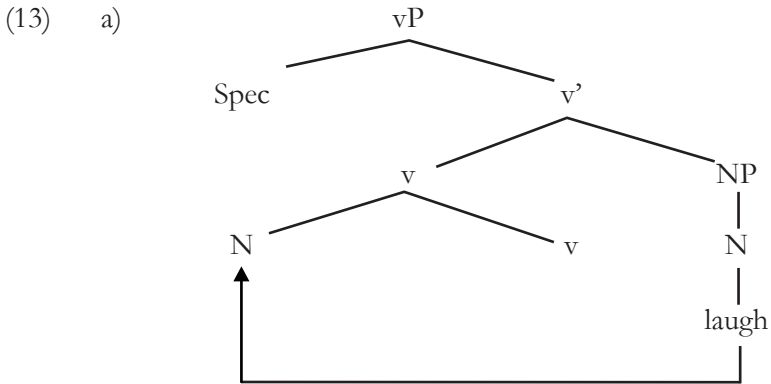
⁴ Hale e Keyser (2002:4): “conflation is a term that we use to refer to the phonological instantiation of light verbs in denominal verb constructions (...) the verb ends up carrying the phonological matrix of the nominal complement.”

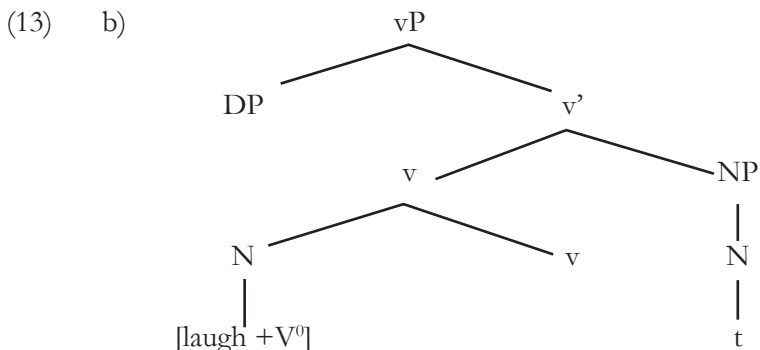
⁵ O termo “conflation” pode ser traduzido para o português como “conflação”. Entretanto, neste trabalho, decidi manter o termo tal como no inglês.

Nesta perspectiva, os ditos verbos inergativos, por exemplo, são denominais, no sentido de que são formados pela operação de *Conflation* do núcleo N^0 ao núcleo de v que o seleciona, como demonstra a representação em (12).



Verbos como *laugh*, *sneeze* e *dance* são formados pela operação de *Conflation* ilustrada em (13).





Vemos, nas estruturas em (13), que o núcleo N^0 se move para a posição de núcleo de v a fim de que sua matriz fonológica seja transferida para núcleo de v^0 . Esse movimento, que é um tipo de operação variante de Mover- α , se conforma ao princípio que restringe o processo de incorporação sintática, mais precisamente a restrição de movimento de núcleo, *The Head Movement Constraint*,⁶ segundo a qual um núcleo X^0 só pode se mover para a posição do núcleo Y^0 que o rege.

A proposta do VP complexo apresentada por Hale e Keyser (1993, 2002) permite-nos explicar a formação das causativas sintéticas no PB bem como alocar os dois DPs [+Desencadeador] na representação da estrutura argumental. Entretanto, restaria ainda saber a posição que cada DP ocuparia na configuração. Tendo em vista esse problema, lanço mão da proposta teórica apresentada por Cançado (2003).

2. Hierarquia temática: a proposta de Cançado

A proposta de Hierarquia temática apresentada por Cançado (2003, 2005) tem como motivação mais geral expressar as generalizações sobre a ordem dos argumentos em um predador: os argumentos mais baixos na hierarquia são compostos semanticamente antes com o predador do que os argumentos correspondentes a papéis mais altos.

⁶ The Head Movement Constraint: an X^0 may only move into the Y^0 that properly governs it.

O Princípio é construído não pelos papéis temáticos em si, mas pelas propriedades semânticas que os compõem. No modelo apresentado por Cançado não são os papéis temáticos que fazem parte da hierarquia, mas as propriedades semânticas que compõem esse papel. Ela define papéis temáticos como sendo um grupo de propriedades semânticas derivadas dos acarretamentos da proposição em que esse papel se encontra.

O papel temático de um argumento, ou seja, a função semântica que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir das relações de acarretamentos estabelecidas por toda a proposição em que esse argumento encontra-se. (CANÇADO, 2005:5)

Para ilustrar a proposta de Cançado, notem o seguinte exemplo:

(14) João quebrou o vaso com o martelo

O papel temático atribuído a *João* é o grupo de propriedades semânticas atribuídas a *João*, estabelecidas pelos acarretamentos decorrentes da proposição *João quebrar vaso com o martelo*. Ou seja, se é verdade que *João quebrou o vaso com o martelo*, então, é necessariamente verdade que *João*:

- tem controle sobre o desencadeamento do processo;
- teve intenção de quebrar o vaso;
- e, conseqüentemente, é animado;
- usou um instrumento para tal ação; etc.

A autora assume, pois, que o papel temático do argumento *João* na sentença em (14) é o grupo de propriedades acima. Em um estudo empírico, Cançado observou que as propriedades semânticas mais relevantes se resumem em quatro: desencadeador, afetado, estativo e controle; sendo que um mesmo argumento pode ter mais de uma propriedade semântica. De modo que nomenclaturas tais como Agente e Paciente são substituídas por Desencadeador e Afetado, abarcando as propriedades semânticas mais relevantes. Deste modo, o mesmo argumento pode ter mais de uma propriedade semântica, sendo o papel temático o conjunto delas. Assim, os dois DPs [+Desencadeador] em (15) abaixo, não representam problema para a teoria.

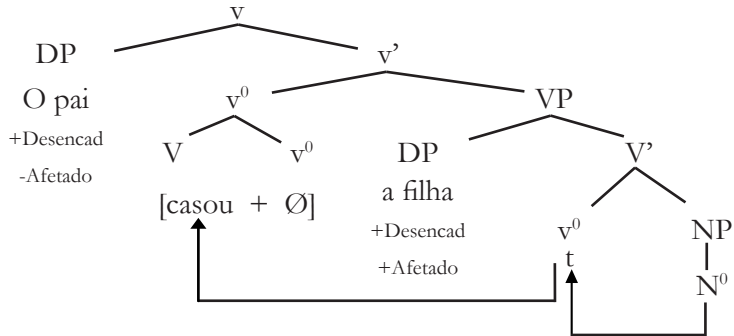
- | | | | |
|------|-----------------|-------|-----------------|
| (15) | O pai | casou | a filha. |
| | + Desencadeador | | + Desencadeador |
| | - Afetado | | + Afetado |

Tal proposta não violaria o Critério- θ , já que, como mostra (15), os DPs nunca teriam *exatamente* as mesmas propriedades semânticas – pelo menos uma propriedade seria peculiar ao DP. Sendo assim, cada grupo de propriedades semânticas que compõe um papel temático é único.

Segundo Cançado, “desencadeador é somente uma propriedade que pode ser associada a outras propriedades, em um grupo específico de propriedades, chamado papel temático”.

Na abordagem da referida autora, argumentos com propriedade semântica [+ Desencadeador] ocupam uma posição mais alta na Hierarquia Temática, mas argumentos com a propriedade [+ Afetado] ocupam a posição mais baixa, como se vê em (16).

(16)



Assim, adotando a definição de que papéis temáticos são feixes de propriedades semânticas, a ocorrência dos dois DPs [+Desencadeador] nas orações causativas sintéticas deixa de ser um problema. Ademais, ao considerar que DPs com a propriedade semântica [+Afetado] ocupam sempre uma posição mais baixa na hierarquia temática, fica fácil alocar os dois DPs nas causativas sintéticas: aquele que tiver a propriedade [+Afetado] deverá ocupar a posição de Spec do VP mais baixo.

3. Aplicando as hipóteses de Hale e Keyser e de Cançado aos dados do PB

3.1. Motivando dois núcleos v^0

Começemos, então, por testar como a proposta de Hale e Keyser (1993) se comporta frente aos dados do PB. Para tanto, observemos as seguintes sentenças, extraídas de Hale e Keyser (1993:74):

- (17) (a) *The clown laughed the child.
 (b) *The alfalfa sneezed the colt.
 (c) *We'll sing Loretta this evening.
 (d) *Good feed calved the cows early.

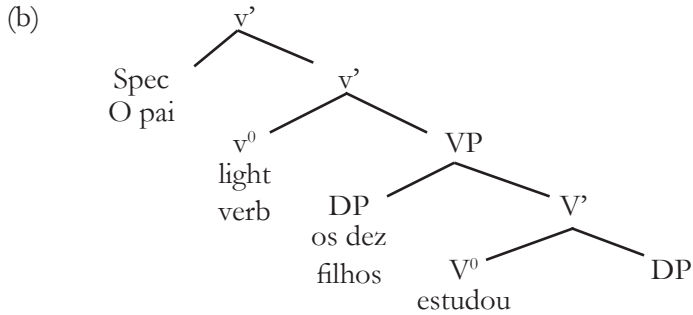
Para os autores, as sentenças em (17) são agramaticais e revelam que verbos inergativos, pelo menos no inglês, não podem aparecer como complementos do verbo leve, na estrutura argumental. Mais precisamente, a causativização de inergativos não é uma operação muito produtiva na língua inglesa⁷. Acontece que essa intuição não se aplica plenamente quando averiguamos os dados do PB, uma vez que sentenças como as de (18) abaixo mostram que verbos inergativos podem sim aparecer como complementos de v^0 no português, apontando para o fato de que a causativização de inergativos é sim uma operação produtiva no PB, o que de certa maneira contradiz o assumido pela teoria desenvolvida por Hale e Keyser (1993) que toma como base a língua inglesa:

- (18) (a) Eu almocei os meninos e depois levei eles pra escola.
(b) O pai casou a filha com um negociante.
(c) O pai estudou os dez filhos.
(d) A professora correu o menino pra fora da sala.
(e) A diretoria do Atlético estreou Éder.
(f) Ela viajou o noivo pro Rio e caiu na gandaia.

O fato curioso aqui é que Hale e Keyser (1993;2002) não preveem duas posições de agente nem supõem que verbos inergativos possam se causativizar, como mostram os dados do português em (18) acima. Tomando por base esses fatos, assumirei que a sentença (18c), repetida abaixo como (19a), terá a estrutura argumental tal como apresentada em (19b).

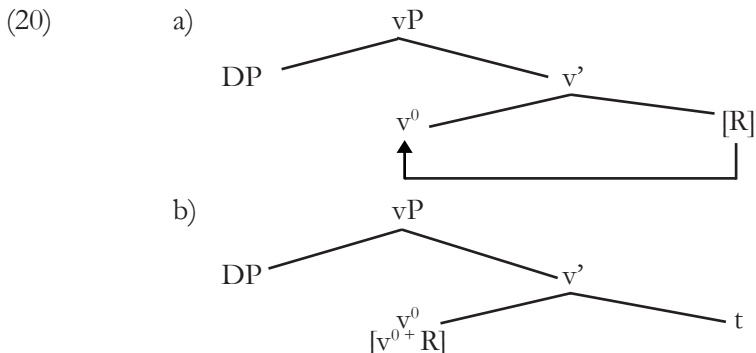
⁷ Hale e Keyser (1993:74,75) argumentam que “unergative verbs cannot appear as complements of V in LRS representations – that is, an unergative may not appear in the lexical syntactic ‘causative’ construction”.

(19) (a) O pai estudou os dez filhos.

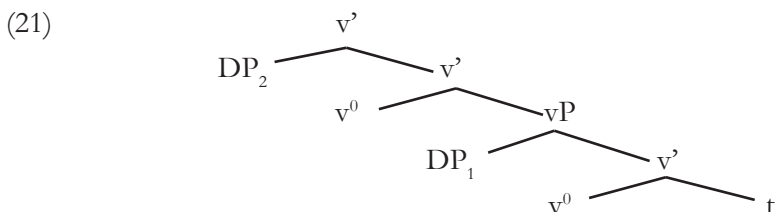


Notem que a estrutura acima deixa claro que a proposta de Hale e Keyser (1993) não se aplica plenamente aos dados português, visto que evidencia que os verbos inergativos podem sim vir como complementos do verbo leve. Em suma, o que os dados da língua portuguesa deixam claro é a que hipótese de que inergativos não se causativizam não se confirma plenamente no PB, tal como ocorre na língua inglesa, uma vez que verbos inergativos podem sim figurar numa construção causativa. A estrutura v-VP proposta por Hale e Keyser não prevê essa ocorrência nem é capaz de explicá-la. Isso nos leva, então, a propor que, quando inergativos se causativizam, a estrutura vP terá de ser expandida para alocar os dois $DPs_{\text{Desencadeador}}$.

A consequência direta disso para a nossa análise é que teremos de lançar mão de uma estrutura vP ainda mais articulada para acomodar as construções em que os inergativos se causativizam. Por isso proporei que a estrutura argumental dos verbos inergativos quando causativizados é modificada. Num primeiro momento, a raiz N, que origina o inergativo, entrará numa operação de *conflation* com v^0 .

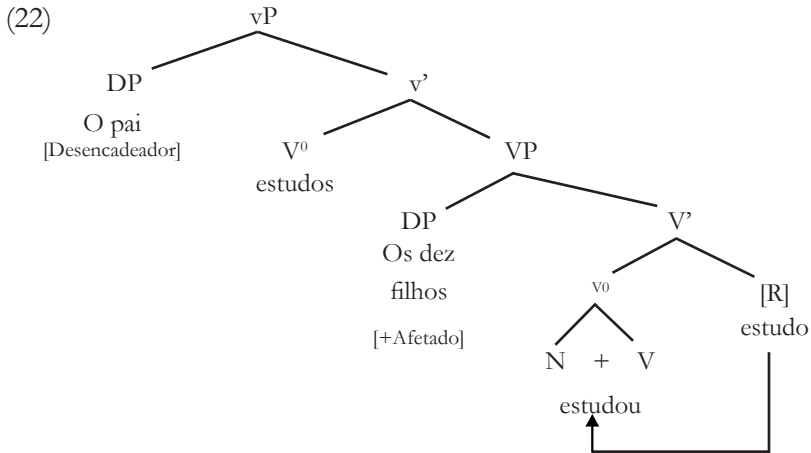


Nessa operação, teríamos a formação do verbo inergativo, com apenas um lugar sintático a ser preenchido pelo DP [+DESENCADADOR, - AFETADO]. Ao se causativizar, a estrutura do verbo inergativo se expande. Um nível sintagmático acima é projetado, a fim de alocar mais um DP [+DESENCADADOR, +AFETADO], como vemos em (21).



A estrutura (21), entretanto, ainda não pode ser considerada como definitiva, dado que há dois núcleos v^0 , ambos podendo atribuir caso abstrato ao DP_1 . O problema é como impedir que dois núcleos v^0 possam valorar o mesmo Caso a um mesmo argumento. Uma alternativa será, então, assumirmos que as estruturas causativas contendo verbos inergativos são derivadas pelo mesmo procedimento que gera verbos deadjetivais e os verbos de localização. Assim sendo, partindo do pressuposto de que o núcleo v^0 , em geral, não introduz DPs [Afetado], mas somente DPs com as propriedades [+DESENCADADOR, -AFETADO], proporemos que o DP inferior será introduzido, então, por um V^0 , de

natureza não causativa. Desse modo, a estrutura argumental final de um verbo inergativo causativizado será semelhante à de outros verbos, pois contará com uma estrutura bipartida do sintagma verbal. A estrutura sintática dos verbos inergativos terá então o formato proposto em (22).



Com base no exposto, julgo necessário assumir que a estrutura argumental dos verbos inergativos causativizados deve ser mais complexa do que normalmente as teorias sobre a estrutura argumental pressupõem. Isso significa dizer que, para verbos inergativos causativizados, deveremos ter uma mudança na sua estrutura argumental. O vP formador do verbo inergativo, que inicialmente tem como núcleo um v^0 causativo, quando participa de estruturas causativas sintéticas, deve assumir a estrutura de um predicado diádico, com núcleo V^0 de natureza não causativa projetando uma posição de Spec e selecionando um argumento interno, em geral um NP nu que se incorpora ao núcleo V durante a derivação sintática. Embora essas estruturas permitam dois DPs contendo as mesmas propriedades semânticas de Desencadeador, a diferença entre o DP_1 e DP_2 , nas representações em (21) e (22), reside no fato de que apenas o DP_2 apresenta a o subtraço [-Afetado], enquanto o DP_1 contém o subtraço [+Afetado]

3.2. Natureza semântica dos dois DPs agente

Um dos problemas que se coloca à nossa análise é explicar a ocorrência de dois DPs com papel temático de Agente numa teoria que prevê apenas uma posição para o DP com esse traço. Notemos (23), a seguir:

- (23) (a) Que bom que ele chegou o irmão pra frente.
(b) A professora correu o menino da sala.
(c) Só eu mesmo pra te saltar desse muro.
(d) O dentista sentou o cliente na cadeira.
(e) Esse governo está sempre voltando para os pontos importantes sempre a mesma corja.

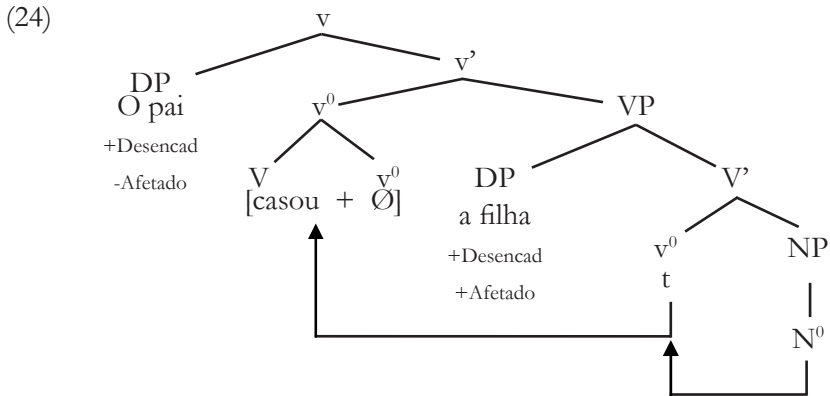
Em (23) todos os DPs grifados recebem papel temático de Agente. Veja que numa mesma estrutura dois DPs recebem esse papel temático. No entanto, as sentenças em (23) não são agramaticais, como seria de se esperar, pois o critério temático exige biunivocidade entre argumentos e funções temáticas, isto é, a cada argumento corresponde *uma* e *uma* só função- θ ; e a cada função- θ corresponde *um* e *um* só argumento. A ocorrência de sentenças com dois DPs de mesmo papel temático deveria resultar em má formação e, portanto, ser barrada pela língua.

A distribuição de papéis temáticos nas orações causativas em (23) parece não poder ser explicada com base no critério temático. É aí que entra a proposta de Hierarquia Temática apresentada por Cançado (2003).

Como visto na seção 3 deste texto, a autora define papel temático como “feixe de propriedades semânticas”. Assim, dois DPs podem ter propriedades semânticas similares, mas nunca o *mesmo* feixe; pelo menos uma propriedade semântica lhe será peculiar, o que marcará a diferença de papel temático. Deste modo, a ocorrência de dois DPs com propriedades semânticas similares não é um problema para a teoria.

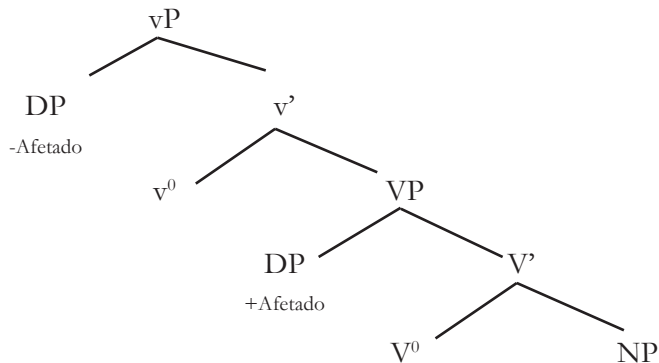
Em sua proposta de Hierarquia Temática, Cançado afirma que argumentos com a propriedade semântica [+Desencadeador] aparecerão numa posição mais alta na estrutura, enquanto que argumentos com a propriedade semântica [+Afetado] ocuparão uma posição mais baixa na hierarquia. Embora dois DPs possam ter em comum a propriedade semântica [+Desencadeador], apenas o DP interno possui a propriedade [+Afetado]. Este sim é o fator relevante para nossa análise.

Parece que a propriedade [+Afetado] é que define a posição dos DPs nas causativas sintéticas, garantindo que o DP causado ocupe *sempre* a posição de Spec de v; como se vê em (16) repetido abaixo como (24).



A representação em (24) também deixa claro que a proposta de Hale e Keyser para VPs complexos não é suficiente para explicar a causativização de verbos inergativos. Como se vê em (24), verbos inergativos podem figurar em construções causativas com lugares sintáticos para dois DPs devidamente preenchidos. Lembrando que o DP [Afetado] será sempre alocado no VP inferior, tal como em (25).

(25)



Um trabalho a partir da abordagem teórica trazida por Cançado e pela hipótese formulada a partir da observação do comportamento dos verbos inergativos no PB permite explicar a ocorrência de dois DPs com papéis temáticos similares, ou melhor, com propriedades semânticas similares, mas papéis temáticos diferentes. Também permite entender por que o DP causado aparece sempre numa posição mais baixa na estrutura, isto é, Spec de VP. Isto ocorre porque ele carrega a propriedade [+Afetado], o que fará com que ocupe a posição mais baixa na estrutura.

Considerações finais

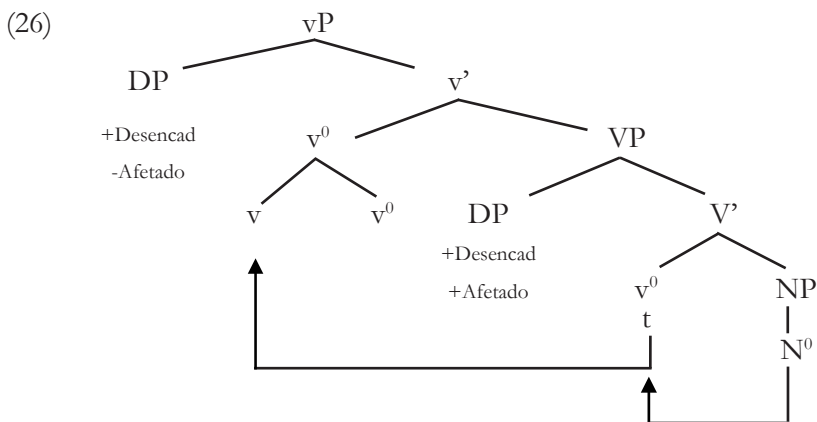
Com base no exposto neste texto, julgo necessário postular algumas hipóteses, mesmo que de forma preliminar.

Hale e Keyser (1993, 2002) afirmam que a estrutura argumental dos verbos é complexa, isto é, é composta da concha v-VP. Isso significa dizer que os verbos são formados por uma operação sintática denominada *conflation*. Nesta operação, um núcleo X^0 move-se para a posição de Spec de v a fim de transferir sua matriz fonológica para o núcleo v^0 , o verbo leve, que não está realizado fonologicamente na morfologia. O verbo leve, por sua vez, introduzirá, na estrutura o DP [+Desencadeador]. Vale

ressaltar que na proposta em questão não há lugar para uma estrutura que apresente dois DPs com a propriedade semântica [+Desencadeador]. Essa abordagem descreve bem o processo de formação de grande parte dos verbos da língua bem como das causativas sintéticas, meu objeto de estudo. Entretanto, os verbos inergativos não podem ser explicados dentro desse quadro teórico.

O problema é que o quadro teórico de Hale e Keyser (1993, 2002) não prevê a causativização dos verbos inergativos, sendo assim não há como explicar a ocorrência dos dois DPs [+Desencadeador] tendo como base essa teoria. Os verbos inergativos revelaram ser um caso à parte. Têm sua origem numa *conflation* de uma Raíz [R], de natureza nominal, com o verbo leve de natureza causativa. Inicialmente, oferecem lugar para apenas um DP, a saber, aquele com as propriedades semânticas [+Desencadeador, -Afetado]. Posteriormente, ao se causativizar, o verbo inergativo projeta um nível sintagmático acima, a fim de alocar mais um DP necessário à situação causativa. Essa projeção terá como núcleo um verbo leve de natureza causativa que introduzirá o DP [+Desencadeador, -Afetado] e a ele atribuirá caso acusativo. Ter duas projeções, ambas com o verbo leve como núcleo, acarreta problemas teóricos, já que o verbo leve não pode licenciar um DP com a propriedade [+Afetado]. Sendo assim, assumimos que os inergativos causativizados terão sua estrutura modificada. A projeção inferior terá como núcleo um V^0 , de natureza não causativa, que possibilitará a introdução do DP [+Afetado]. O vP superior continua tendo como núcleo o verbo leve causativo, que introduz o DP [-Afetado] e a ele atribui caso acusativo. De modo que, ao ser causativizado, o verbo inergativo também será evidência a favor da estrutura bipartida do VP, pois contará com a concha v-VP em sua formação.

Proponho, portanto, que os verbos inergativos, quando causativizados, exigirão uma estrutura tal como a representada em (26), a seguir.



Conforme deixa claro o diagrama (26), o proposto em Hale e Keyser (1993, 2002) está incompleto, necessitando ser reformulado a fim de explicar a causativização dos inergativos no PB.

Vejamos agora como explicar a ocorrência de dois DPs [+Desencadeador] nas orações causativas sintéticas. Sabemos que a abordagem tradicional não é capaz de solucionar esse problema. À primeira vista, parece-nos que os dois DPs [+Desencadeador] desafiam inclusive o critério temático. A solução que encontro para descrever as causativas sintéticas no PB bem como explicar a ocorrência de dois DPs com papel temático semelhante é adotar a proposta teórica de Cançado (2003).

Segundo a autora, papel temático é o grupo de propriedades semânticas “atribuídas a um argumento a partir das relações de acarretamentos estabelecidas por toda a proposição em que esse argumento encontra-se”. Cada argumento tem propriedades semânticas que lhes são atribuídas na proposição; não apenas pelo núcleo V. De modo que, os argumentos

podem ter propriedades semânticas semelhantes, mas nunca o mesmo grupo – papel temático – de propriedades semânticas. Essa abordagem não fere o critério temático, já que o papel temático de cada argumento lhe será único. Pode-se também dizer que, para essa abordagem, não é problema ter dois DPs com propriedade [+Desencadeador] numa mesma sentença, pois outra propriedade qualquer tratará de distinguir o papel temático. Assumo, pois, que as orações causativas sintéticas necessitam ser explicadas adotando o conceito de papel temático trazido por Cançado.

Cançado também propõe uma hierarquia temática. Segundo essa hierarquia, os argumentos com propriedade [+Afetado] devem aparecer numa posição mais baixa na estrutura. Também aqui é possível explicitar a posição que os DPs ocupam nas orações causativas. Assim, postulo que o núcleo *v* inferior das causativas sintéticas introduzirá sempre o DP [+Desencadeador, +Afetado], enquanto que o núcleo *v* superior introduzirá sempre o DP [+Desencadeador, -Afetado]. Deste modo, é possível fornecer uma descrição mais completa das orações causativas sintéticas no PB.

Referências

ADGER, David. **Core Syntax**. Oxford: University Press, 2004.

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. **Da Expressão da Causatividade no Português do Brasil: uma Viagem no Túnel do Tempo**. 1995. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.

_____. **Causativas Lexicais no Português do Brasil: Perfil Morfossintático, Semântico e Funcional-Discursivo**. In: DECAT, Maria Beatriz Nascimento *et al.* **Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 167-232.

BURZIO, Luige. **Italian Syntax: a Government-Binding Approach**. D. Reidel Publishing Company, 1986.

CAMARA, J.M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 9. Ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1981.

CANÇADO, Márcia. **Hierarquia Temática: uma Proposta para o PB**. Revista Letras, 61:60-62, 2003.

_____. **Propriedades Semânticas e Posições Argumentais**. DELTA, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2005.

CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

COMRIE, Bernard. Causative verb formation and other verb-deriving morphology. In: SHOPEN, Timothy (Ed.) **Language typology and sintatic description: grammatical categories and the lexicon**. Cambridge University Press, v.3, 1985.

DUARTE, Fábio Bonfim. **Predicados Ergativos**. Juiz de Fora: UFJF, ms, 2002.

FRANCHI, Regina Celi Moraes Whitaker. **As Construções Ergativas: um Estudo Semântico e Sintático**. 1989. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1989.

GIVÓN, Talmy. **Cause and Control: on the Semantics of Interpersonal Manipulation**. In: KIMBALL, John P. (Ed.). **Syntax and Semantics**. New York Academic Press, v. 4, p. 39-89, 1975.

GUASTI, Maria Teresa. **Romance Causatives**. In: Liliane Heageman (org.) **The new comparative syntax**, Longman, 1997. p. 124-144.

HALE, K. & KEYSER, S. **On argument structure and the lexical expression of syntactic relations**. In: K. Hale & S. J. Keyser (eds.) *The view from building 20*. MIT Press, Cambridge, MA, 1993.

_____. **The Basic elements of argument structure**. MIT Working Papers in Linguistics, vol. 32, MIT, Cambridge, 1998.

_____. **Aspect and the Syntax of Argument Structure**. MIT, ms 2002.

MACEDO, Walmírio. **Dicionário de Gramática**. Edições de Ouro: Rio de Janeiro, 1979.

LARSON, Richard. **On The Double Object Construction**. *Linguistic Inquiry*, v. 19, n. 3, 1988.

LOPES, Mário Alexandre Garcia. **Análise da Estrutura v-VP na Teoria Gerativa**. Belo Horizonte: Revista ReVeLe, 2007, no prelo.

PERINI, Mário Alberto. **Ergativas e Médias em Português**. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 13-34, 2005.

RADFORD, Andrew. **Syntax: A Minimalist Introduction**. Cambridge: CUP, 1998.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da Gramática**. A Faculdade da Linguagem. Caminho: Lisboa, 1992.

SHIBATANI, Masayoshi. **A Linguistic Study of Causative Constructions**. 1975. Tese (Doutorado). California University, 1975.

_____. **Causativization**. In: SHIBATANI, Masayoshi (Ed.). **Syntax and Semantics: the Grammar of Causatives Constructions**. New York Academic Press, v. 5, p. 239-294, 1976.